

lhe tirado a única coisa que o ajudava a viver. Invadia-o uma imensa tristeza. Ainda se lembrava daquela frase — “Ninguém pode ser condenado sem defesa” — e a Justiça cada vez mais lhe parecia uma farsa.

Se antes a pena que teria que cumprir não o preocupava, agora não conseguia pensar noutra coisa. Não viveria vinte anos daquela maneira, olhando as quatro paredes da cela e os rostos sombrios dos dois companheiros. É bem verdade que os presidiários podiam receber visitas em certos dias, mas quem o viria visitar se não tinha ninguém? Quem se preocuparia com êle?

Não comia. Não tinha vontade e além disso, tinha nojo. Os companheiros dividiam entre si a parte que lhe tocava da comida que traziam duas vezes por dia. Quiseram saber por que êle estava sempre triste e não comia. Êle explicou-lhes que sem janela, a cela era escura e o sol não entrava, e sem sol, não podia viver vinte anos na prisão. Êles não entenderam. Olhavam-no espantados, duvidavam do seu juízo.

As suas roupas pouco a pouco tornavam-se largas, dançavam-lhe no corpo. O rosto magro tinha ossos salientes, e os olhos, desapareciam por trás de profundas olheiras. Êle definhava. Em silêncio, agachado a um canto, esperava que o tempo passasse. Os companheiros olhavam-no com desconfiança, tomavam-no por louco. Êle evitava os seus olhares. A presença humana aborrecia-o, queria a solidão.

Quebrando o longo silêncio, reclamou um dia o sol que lhe haviam roubado. Ninguém o entendia. Os guardas riram da sua loucura. Êle voltou para o seu canto e continuou a esperar. Uma névoa muito espessa pairava-lhe diante dos olhos e a todo momento via à sua frente a testemunha olhando-o com ódio no Tribunal que o condenava a vinte anos de prisão.

Sentia esvair-se-lhe as fôrças. Tudo parecia rodar à sua volta. Ainda tinha nos ouvidos as gargalhadas dos guardas que riam de sua loucura. Queria reclamar, pedir que lhe dessem o sol, mas já não quebrava o silêncio: não tinha mais fôrças. Era o fim. Na cela escura e fria onde o sol não penetrava, sentia-se desaparecer lentamente.

O PÁSSARO DE ASAS CORTADAS

Enfim, depois de tantos anos encerrado atrás daquêles muros, novamente a liberdade. Quando o jogaram ali, julgava não suportar a vida até o fim da pena. O desespero quase o enlouquecera, mas com o tempo, acabou por se resignar, e já se acostumara à vida da masmorra. Agora, aí estava: novamente na rua. Mas não tinha idéia do que iria fazer. Alguém da Penitenciária (o Diretor, talvez), tinha-lhe dado alguns conselhos. Coisas sem grande importância que êle não entendeu bem.

Atravessou a praça lentamente. Caminhava sob as árvores, esmagando as fôlhas sêcas com os pés. Parou na calçada, olhando os carros que passavam na rua. Sentia alguma coisa crescer dentro de si, alguma coisa que o atormentava. Que iria fazer agora? Achava-se estranho: aquêle não era mais o seu mundo, sentia-se mal, perto da gente que o cercava. Olhava a rua, as casas, as pessoas que passavam e via-se deslocado, sentia-se um estrangeiro. Tinha a impressão que todos o olhavam como se êle fôsse um animal desconhecido.

Como viver num mundo que não era o seu? Caminhava. Não tinha aonde ir, por isso, não se preocupava com a direção que tomavam os seus passos. Não tinha família, e os antigos amigos, se ainda se lembrassem dêle, com certeza já não o reconheceriam. Sabia que agora precisava trabalhar e isso preocupava-o. Não que tivesse mêdo do trabalho, mas, quem aceitaria um ex-presidiário? Certamente, pediriam informações, que referências poderia dar?

Parou em frente a uma loja. Poderia tentar, ir até lá e pedir trabalho, mas não o fêz. Alguém passou ao seu lado olhando-o com insistência. Perturbou-se com isso. O que teria êle de estranho para que o olhassem assim? Continuou a caminhar lentamente. Lembrou-se que pouco antes de sua prisão, um dos seus amigos estabelecera um armazém próximo dali, talvez o ajudasse.

Deteve-se à porta. O armazém parecia em grande prosperidade. Reconheceu o velho amigo no homem que estava atrás do balcão atendendo os freguêses. Ainda era o mesmo, apenas um pouco mais gordo e o cabelo rareava. Notava-se a passagem do tempo.

Entrou e dirigiu-se ao balcão. Ainda se lembrava de nome do amigo:

— Araújo, lembra-se de mim?

O homem olhou-o perplexo.

— Não, acho que não o conheço.

— Não se lembra de Norberto?

— Deve estar enganado, não conheço nenhum Norberto.

Disse isto afastando-se para arrumar algumas caixas embaixo do balcão. Norberto saiu. Não o teria realmente reconhecido? Seria possível que já não se lembrasse dêle?

No fim da rua havia uma fábrica. Na parede junto ao portão que dava acesso ao pátio, Norberto leu uma placa em grandes letras pretas: NÃO HÁ VAGAS. Hesitou. Valeria a pena tentar? Não custava nada. Dirigiu-se ao escritório. Os funcionários moviam-se por trás de montanhas de papéis e as máquinas de calcular e de escrever faziam um barulho infernal. Um homem de óculos, gesto autoritário, cara de poucos amigos, perguntou-lhe o que queria. Norberto gaguejou:

— Bom... Estou desempregado, queria trabalhar.

A resposta não se fez esperar. Já estava pronta, previamente preparada e estudada para aquêles caso e outros semelhantes:

— Não viu a placa lá fora?

E afastou-se resmungando alguma coisa que Norberto não conseguiu ouvir.

Ao transpor o portão, Norberto deitou um olhar rápido para a parede: NÃO HÁ VAGAS. Apenas três palavras, mas que significado tinham! E agora, aonde ir? Qual seria a próxima tentativa? Passou outra vez em frente ao armazém do antigo companheiro. Êle andava muito depressa por trás do balcão, para um lado e para o outro, atendendo os freguêses, muito diligente, não os fazendo esperar. "Deve estar enganado, não conheço nenhum Norberto". Seria verdade? Não o

teria realmente reconhecido? Talvez não quisesse ter aproximações com um ex-presidiário.

Entrou na Transportadora e pediu para falar com o gerente. Levaram-no ao escritório. O gerente perguntou-lhe o que queria sem levantar os olhos dos papéis que examinava. Novamente Norberto gaguejou:

— Bem... Procuo trabalho, estou desempregado.

O gerente olhou-o demoradamente, como quem examina os mínimos detalhes. Norberto perturbou-se, sentiu-se desaparecer.

— Temos realmente uma vaga: carregador, aceita?

— Aceito, sim...

Norberto exultava. Finalmente conseguira...

— Onde poderemos colhêr informações suas?

Norberto sentiu o mundo cair sôbre si.

— Bem, eu não trabalhava antes...

— Só poderemos dar-lhe o emprêgo de acôrdo com as suas referências.

O gerente abriu uma pasta e começou a examinar vários papéis. Norberto saiu silenciosamente.

Sabia que era um êrro entregar-se, não devia desistir, mas, já não tinha fôrças para continuar. Não poderia suportar novas decepções. Como livrar-se da condição de ex-presidiário? Era como uma maldição que o perseguia.

Caminhar. Caminhar sempre, mesmo que não fôsse a lugar algum. Afastar-se de tudo, porque já nada daquilo lhe pertencia. Não era mais aquêles o seu mundo.

As fôlhas sêcas estalavam esmagadas sob os seus pés. Descia o crepúsculo sôbre o mundo silencioso e deserto. Os muros erguiam-se para o alto, encimados por fios de alta tensão que desfaziam esperanças. Os guardas vigiavam nas guritas. Ali dentro, ficara o mundo de Norberto. Aquêles era o seu verdadeiro, único mundo, e êle perdera-o. Podia vê-lo à distância, recordar os seus corredores...

Já não tinha aonde ir. Desejara tanto a liberdade, agora não sabia o que fazer dela. Era como um pássaro a que houvessem cortado as asas e jogado para o ar: por mais que se debatesse, acabaria por cair ao chão.